

“VIVER: UMA EXORTAÇÃO À FILOSOFIA”

Lui Carolina Carvalho Tanaka¹

1. Introdução

Relacionar o “Protrético”, de Aristóteles, com o “Pequeno Tratado das Grandes Virtudes”, de André Comte-Sponville não é tarefa fácil. Sobretudo porque vinte e cinco séculos separam as duas obras. Vinte e cinco séculos de história, vinte e cinco séculos de filosofia.

Talvez, a relação entre as duas obras não esteja no discurso filosófico que ambas contêm, mas no silêncio, no sentido que Sponville descreve em “Os Labirintos do Sentido”, no livro “Viver”, que não deixa de ser, a seu modo, uma exortação à filosofia

Entre o “Protrético” e o “Pequeno Tratado das Grandes Virtudes” existe um elo perdido e esse elo é “Viver”, outra obra de Sponville e o próprio significado da palavra.

Deste modo, a obra “Viver” será citada muitas vezes. Ela foi a bússola para a compreensão do pensamento de Sponville. E por meio dela, revisei o “Protrético”. Dois autores, como já mencionado anteriormente, separados por vinte e cinco séculos com a mesma preocupação: persuadir seus leitores sobre a relevância da filosofia.

Certamente, Aristóteles e Sponville percorreram caminhos quase que opostos. Na perspectiva aristotélica, de índole ainda platônica, o estagirita defende a tese de que a filosofia permite ao sábio a discriminação entre o bem e o mal que está na base da escolha moral. Os fragmentos 38 e 39 exemplificam e resumem bem os pontos defendidos por Aristóteles:

“Porque a “sabedoria” é o maior dos bens e o mais proveitoso do que qualquer outro restante e por essa razão: todos concordamos

¹ Graduanda em Filosofia da Faculdade de São Bento de São Paulo.

que deve imperar o mais virtuoso e o de natureza mais capaz, que só a lei que impera deve ser soberana, a qual é uma forma de sabedoria, na verdade, uma expressão desta.”²

“Deste modo, que exemplo mais exato temos de quais são os bens de um sábio? Pois quantas coisas ele elege, quando as elege conforme seu conhecimento? São as boas e seu contrário, são as más”³

A obra de Sponville promove, de certo modo, o mesmo percurso de Aristóteles, mas às avessas: ele parte das escolhas, das dezoito virtudes escolhidas por ele mesmo para uma “filosofia de vida”. A própria data das obras sugere o percurso: as virtudes precedem “Viver”. Vivendo-se o bem, compreende-se um sentido ausente e encara-se o real, que é a própria vida. As virtudes levam à filosofia (quase budista) descrita em “Viver”.

Mas, antes de partir à relação das obras, gostaria de completar a introdução com preâmbulo (parafraseando Sponville) sobre os autores em questão e suas obras. Uma pequena biografia, nada entediante, prometo.

Aristóteles não foi um filósofo grego. Na verdade, ele nasceu em Estagira, território da Macedônia, em 384 a.C.. Faleceu em Atenas, em 322 a.C.. Chegou em Atenas ainda jovem, estudou na Academia de Platão e após a morte do mestre viajou pelo antigo mundo mediterrâneo até que por volta de 340 a.C. foi eleito pelo Rei da Macedônia, Felipe II, tutor de Alexandre, o Grande. Em 355 a.C. funda sua própria Academia, o Liceu. Nele realizou pesquisas e estudos das mais diversas áreas: botânica, zoologia, matemática, filosofia, ética e política.

O “Protréptico” é uma obra do filósofo estagirita ainda jovem, influenciado pela Academia de seu mestre Platão. A obra é dirigida ao rei Temisonte, do Chipre e, é uma exortação à filosofia. Exortação enquanto conselho, incentivo, encorajamento à. E, filosofia aqui, que deve ser entendida como uma “investigação racional e metódica da natureza das coisas, e em

² Aristóteles, Protréptico: uma exortação à filosofia. Edição Bilingue de Carlos Megino Rodrigues. Abada Editores, Madri, 2006. Fragmento 38. P.71

³ Aristóteles, Protréptico: uma exortação à filosofia. p.71

especial, dos princípios e causas que a fundamentam, assim como das condições de tal investigação.”⁴ A obra é constituída, deste modo, por fragmentos, que contém recomendações nos moldes (estes sim), de um pequeno tratado.

Há uma controvérsia sobre o “Protréptico” que questiona se a obra é realmente de Aristóteles ou não. Trata-se, no entanto, de uma obra reconstituída a partir de citações, cujos fragmentos não atestam dúvida sobre sua autenticidade. O responsável pela edição espanhola, Carlos Megino Rodriguez recorre à autoridade de Werner Jaeger, que corrobora a obra como autêntica, a partir de Jamblico, que deu origem ao seu “Aristóteles”, em 1923, não muito diferente das descobertas de Bywater em 1886. Também há muita discussão sobre o objetivo da obra: ela destina-se ao rei de Chipre ou foi escrita pensando em um público mais geral? Certamente, o objetivo deste trabalho não é se perder nessas querelas, mas apenas pontuar a existência dessas discussões em torno da obra de Aristóteles.

Já a obra de Sponville é certamente destinada ao grande público. Sua obra foi traduzida, reeditada, é sucesso de vendas. E apesar do autor ser um sucesso de vendas nos moldes *best-sellers*, vale citar que Sponville (Paris, 1952) é filósofo, budista, ativista, ex-aluno da École Normale Supérieure. É doutor pela Universidade de Paris. Também foi professor da Sorbonne até 1998, quando passou a dedicar-se exclusivamente à literatura.

Há também em torno da figura de Sponville muita crítica e controvérsia. Sua crítica ácida ao catolicismo, mais precisamente à moralidade cristã é rechaçada pelos mais fervorosos. Sua filosofia também é chamada de “misticismo”, crítica que ele mesmo denuncia e se defende em um bonito diálogo com os leitores, tanto em “Viver”, como no “Tratado do Desespero e da Beatude – Tomo 1”.

Mas isso também não é relevante. Como o próprio Sponville diz, triste moral dos tristes. E esse não é o quinhão deste trabalho. O que vale ressaltar aqui, na verdade, é que sempre que há um pedido de comparação entre um autor da antiguidade e um contemporâneo, me lembro do Pierre Hadot e seus “Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga” (desculpe a liberdade da voz em primeira pessoa!), obra publicada no Brasil em 2004, pela É Realizações.

⁴ Ibidem. p.5

A lembrança, talvez, seja fruto da crítica ao “misticismo” de Sponville, à sua filosofia que beira ao gênero literário, à sua voz que é mais um fluxo de pensamento e que semelhante à voz de Hadot parece-me que é a busca do filósofo da contemporaneidade, cuja linguagem extrapola a do discurso filosófico.

A busca pelo “Spectator Nous”, de Hadot, também parece acontecer em Sponville. Uma espécie de atitude central, do viver o aqui-agora, da realidade captada nesse segundo que já passou. Em “Viver” Sponville fala que “sentido é ausência; verdade é presença”... “Essa presença, que é a própria sabedoria, talvez...”⁵

Claro que não há nenhum misticismo nessas ideias. E recorrer a linguagens que não fazem parte do léxico da filosofia, mas da religião (e por quê não, budista?) não são ineditismos de Sponville. Desde Platão temos os mitos presentes na Filosofia. Merleau-Ponty continua filósofo apesar de sua linguagem ir além do discurso filosófico. Como falar de Cézanne de outro modo?

Mas a pergunta que deve ser feita aqui é se essa “atitude central” (de Hadot e de Sponville) não seria a mesma que Aristóteles vislumbrava ensinar ao rei Temisonte?

⁵ Sponville, André Comte. Viver. p.247

2. Viver: uma exortação à filosofia (e sua conclusão)

*“Nem mesmo percorrendo todo caminho chegarás ao limite da alma,
tão profundo é seu logos”, Heráclito*

Depois de ler as duas obras, o “Protréptico” e o “Pequeno Tratado das Grandes Virtudes”, e ganhar a tarefa de relacioná-las, o leitor faz as seguintes perguntas: existe na obra de Aristóteles o enaltecimento de uma das dezoito virtudes elencadas por Sponville? Aristóteles pretende que o rei de Chipre faça um bom governo, no sentido de um governo virtuoso, seguindo a cartilha de Sponville? O que os dois filósofos entendem por virtude é a mesma coisa? Porque a preocupação com as virtudes foi e ainda é relevante? Porque moral, sabedoria e felicidade andam de mãos dadas?

De fato, os textos não respondem de pronto. Eles não dialogam entre si, exceto pela seu objetivo: a exortação à filosofia, ao saber, ao caminho do virtuoso. Protréptico é a definição de um propósito, muito mais do que uma forma literária, como lembra o organizador da obra de Aristóteles, Carlos Megino Rodriguez. Propósito reeditado por Sponville em seu “Pequeno Tratado”.

E, qual seria esse propósito? Ensinar virtudes. É assim que Sponville começa seu livro: “Se a virtude pode ser ensinada, como creio...”. A crença do filósofo parisiense é legítima, aprendida com os pais da filosofia, no mundo Antigo de Platão e Aristóteles. A areté! A crença partilhada por Sponville é a mesma que serviu ao jovem Aristóteles. A crença de que se pode ensinar um homem a ser um homem melhor.

Todavia, o percurso do estagirita é outro. Ele não fornece ao seu leitor, um tratado, dezoito virtudes de bandeja, mas sim, um método para alcançá-las, razões que justificam o percurso e o objetivo final do trajeto.

Na perspectiva aristotélica, todo ser tem uma finalidade. Com o homem, não poderia ser diferente. Também às partes que constituem o homem possuem finalidades. O corpo submete-se à alma. A parte irracional da alma, submete-se à racional, que está a serviço do entendimento. O entendimento é a melhor parte da alma, a mais desejável. Quando as ações são fruto do pensamento, o entendimento é dono da conduta e governa o corpo. Trata-se da sabedoria contemplativa, a filosofia, válida por ela mesma, com fim em si mesma, originada do pensamento e não da experiência. Em Aristóteles, tal função coloca os homens a par dos deuses. Como ciência, Aristóteles usa o termo ciência teórica, o homem pode eleger bem sua conduta, agir melhor, escolhendo o bem. Chega-se, portanto, às portas da virtude. O virtuoso é aquele capaz de alcançar a felicidade, independente de qualquer fator externo a si mesmo.

“A sabedoria é parte da excelência da alma e da felicidade, pois afirmamos que a felicidade provém do bem dela que é ela mesma”⁶

Em Aristóteles, o homem sábio é aquele que atinge seu fim. O caminho da sabedoria é a Filosofia. Em Sponville, o percurso é o inverso: não somos sábios, somos filósofos, amantes do saber. Como alunos (de filosofia e da vida), devemos pautar nossa jornada em virtudes. Elas nos trarão alívio? Não, trata-se do caminho do desesperado. Daquele que após vinte e cinco séculos de filosofia ainda não encontrou suas respostas. A filosofia não nos trouxe Deus (pensando em Descartes, que chega à Deus por dedução), também não nos trouxe uma moral suficiente (Kant, com seu imperativo categórico), mas nos trouxe o desespero daquele que desnudo, solitário, enfrenta a vida (materialistas), a matéria no presente.

É claro que o percurso de Sponville é longo até chegar a uma espécie de filosofia de vida. E tal caminho transcende o “Pequeno Tratado das Grandes

⁶Aristóteles, Protréptico: uma exortação à filosofia. p.93

Virtudes”. Para entendê-lo, é preciso percorrer a obra de Sponville. Por essa razão, mencionei da “Introdução” que a chave do entendimento do pensamento filosófico do autor francês só foi possível depois da leitura de sua obra “Viver”.

É em “Viver” que Sponville fará o caminho do homem solitário, pela História da Filosofia. O autor cita, como ele mesmo diz, muito. O que é bom, para o estudante de filosofia. E como uma espécie de guia, Sponville vai atravessando essa história (desde a Grécia Antiga até o existencialismo francês de Sartre, passando por Kant e Spinoza) para construir seu próprio sistema.

Sponville é, como seus leitores, o solitário, o desesperado. Mas, diferente de Harry Haller, a personagem de Herman Hesse em *O Lobo da Estepe*, encontra um caminho diferente da inconsciência, da morte devagar, do suicídio. Sponville triunfa em sua jornada.

De algum modo, Sponville me lembra Ulisses. A razão desta lembrança, quiçá, seja fruto de que como o herói de Homero, o filósofo francês buscou o silêncio em meio ao canto (do discurso filosófico). Foi preciso tapar os ouvidos com cera para ver melhor. Em meio ao desespero, escolheu o silêncio. O não-discurso.

Em sua obra “Viver”, cita Nagarjuna, que a respeito de Buda, falou:

“... ele não prega nenhuma doutrina, em lugar nenhum, a ninguém, mesmo quando fala, não diz nada: não falar é a palavra do Buda”⁷

O discurso, na perspectiva de Sponville, nos separa da vida porque busca seu sentido. Nas palavras do próprio autor, “a verdade de viver é viver...viver o presente”. A única vida que existe, é essa, a presente. O real não está no passado ou na promessa futura. O sábio é aquele que consegue conviver com seu passado (é grato a ele pela sua história) e não espera nada do futuro (está livre dos desejos, das ilusões do viver para o amanhã, inclusive dos desejos de verdades filosóficas). Budista? Certamente.

Mas, o que há aqui, na filosofia de Sponville, que merece destaque é o novo horizonte que ele dá ao filósofo, ao amante da sabedoria. Na verdade, não se trata de um novo, no sentido de novidade, pois essa postura já estava presente

⁷ Sponville, André Comte. *Viver*. p.300

nos Antigos. E, aqui, volto ao Hadot e seus “Exercícios Espirituais de Filosofia Antiga”. A tese deste livro de Hadot é bem simples: os filósofos antigos viviam seu sistema filosófico. A filosofia não era para eles o que ela é, hoje, para nós.

A filosofia, hoje, é uma disciplina, uma cadeira na universidade, o nome de uma matéria, o título de uma área do conhecimento. Talvez, até, um substantivo de uso desgastado.

A filosofia, para os antigos e aqui incluo o próprio Aristóteles, é um modo de viver. Acredito que o exemplo mais óbvio da Antiguidade seja o Estoicismo. Os estoicos prediziam até a dieta! Ensinavam a viver e a morrer. Aristóteles não era estoico, mas sua exortação à filosofia em o “Protréptico” é também a exortação de uma filosofia dessa mesma natureza. Do tipo de filosofia que pretende-se à vida e não apenas a uma parte dela.

Para Hadot, a atitude do filósofo antigo era viver, viver sua filosofia, sua verdade e não viver um discurso ou fazer um discurso. Para chegar a tal conceito ou se fazer entender, recorre à fenomenologia e sua preocupação em chegar ao primeiro olhar, ao real, ao que nos é apresentado. Por isso, conclui:

“Mas esse milagre é percebido apenas graças a uma reflexão sobre a percepção, a uma conversão da atenção, pelas quais nós mudamos nossa relação com o mundo, nós nos espantamos com o mundo e rompemos nossa familiaridade com ele”.⁸

“Nossa familiaridade com ele” é nosso discurso. Para ver o real e para vive-lo, não precisamos de discurso. Sócrates existiu antes dos diálogos. Ele é a razão da obra e não o contrário. Também duvido, que se Aristóteles pudesse ter escrito um protréptico a Giges (pensando nos exemplos dados pelo próprio Sponville), teria mudado o desfecho da história. Giges teria sido Giges ainda assim. Não saberemos. Quem sabe os limites da alma? Essa é a questão de Heráclito. Talvez Aristóteles fosse ciente disso. E talvez essa lucidez tenha feito do “Protréptico” não um tratado de virtudes, mas sim, uma ode à filosofia. O “Protréptico” também é silêncio. Ele não dá receita nenhuma. Ele não oferece nenhuma diretriz ao rei Temisonte de como agir. Ele não diz o que é certo e o que é errado. Como Buda, o “Protréptico” fala e não fala.

⁸ Hadot, Pierre. Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga. p. 317

O que o “Protréptico” faz, isso sim, de forma bem clara, direta e metódica, é oferecer ao rei de Chipre um caminho (Buda também!). No caso de Aristóteles, o caminho da filosofia. O do amor ao saber. Uma espécie de verdade não dita, silenciosa, gigante e pequena, que se esconde na alma de cada homem.

É a filosofia que contém o Spectatour Nous, que Hadot tanto fala. Da atitude filosófica do espanto, a dos antigos filósofos, aquela do primeiro olhar, daquele que em silêncio contempla e, que foi perdida, em vinte e cinco séculos, em meio a tanto discurso.

3. Bibliografia

Aristóteles, “Protréptico: uma exortação à filosofia”. Edição Bilingue de Carlos Megino Rodrigues. Abada Editores, Madri, 2006.

Hadot, Pierre. “Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga”. É Realizações, São Paulo, 2014.

Sponville, André Comte, Pequeno Tratado das Grandes Virtudes, Martins Fontes, São Paulo, 1995.

_____, Viver, Martins Fontes, São Paulo, 2000.



